



REVISTA  
Casa da  
**GEOGRAFIA**  
de Sobral  
ISSN 2316-8056



## TERRITÓRIO, FRONTEIRA E CONECCIDADE: UM OLHAR PARA A FRONTEIRA FRANCO-BRASILEIRA

Territory, border and connection: A look at the border French Brazil

Territorio, frontera y conexión: Una mirada a la frontera Franco-Brasileña

 <https://doi.org/10.35701/rcgs.v22n3.724>

Edenilson Dutra de Moura<sup>1</sup>

Histórico do Artigo:  
Recebido em 25 de Maio de 2020  
Aceito em 30 de Setembro de 2020  
Publicado em 30 de Dezembro de 2020

### RESUMO

O presente artigo propõe a análise das dinâmicas territoriais reticulares na fronteira franco-brasileira e nas suas relações com a produção do espaço fronteiriço, destacando a centralidade que a fronteira representa nas relações socioespaciais estabelecidas na cidade de Oiapoque, localizada no estado do Amapá e que faz fronteira com a Guiana Francesa. Dessa forma, os conceitos de fronteira, território e rede foram selecionados pela capacidade que representam para compreender e alicerçar as relações de poder na delimitação em escalas analíticas maiores, configurando os territórios-rede fronteiriços. No tocante aos procedimentos metodológicos, destacamos, além dos levantamentos teórico-conceituais e uma abordagem qualitativa, a importância das observações e experiências *in loco* realizadas entre os anos 2016 e 2018. Na fronteira franco-brasileira na contemporaneidade, observamos novos arranjos territoriais, como exemplo deste processo, temos a abertura parcial da Ponte Binacional, que possibilita novas articulações dos territórios-rede que reorganizam a dinâmica regional e dinamizam o papel de diferentes protagonistas que atuam no processo de conexão na fronteira, como os catraieiros e os pirateiros. Os novos arranjos territoriais tendem a transformar os diferentes fluxos sob a lógica reticular e, assim, estabelecem novas formas de produção do espaço urbano-fronteiriço. Destacamos que a complexidade e a análise dos territórios-rede permitem trazer a fronteira como centralidade da discussão territorial e não a tem enquanto uma temática marginalizada, com isso, essa abordagem coloca-se como estratégica para o entendimento das redes que são estabelecidas territorialmente, revelando o seu potencial de análise no desvelar fronteiriço.

**Palavras-chave:** Urbano-fronteiriço; Território-rede; Oiapoque.

<sup>1</sup> Geógrafo. Professor da Universidade Federal do Amapá (UNIFAP) – Campus Binacional Oiapoque. Doutorando em Geografia pela Universidade Federal do Ceará. Líder do Grupo de Pesquisa e Estudos Urbanos da Amazônia Setentrional (GEURBAS / UNIFAP / CNPq). E-mail: edenilson.moura@unifap.br,

 <https://orcid.org/0000-0001-7858-3531>

## ABSTRACT

The present article presents an analysis of the reticular territorial frontiers in the Franco-Brazilian border and its relations with the production of frontier space, highlighting the centrality that a triage represents in the socio-spatial relations of the city of Oiapoque, located in the state of Amapá and that makes border with a French Guiana. For the speech them, issue and change was selected by their skills that these inventors to knowledge and to base the relations of power to delimitation in scale analytic larger, configuring the border territories-net. In the contemporary Franco-Brazilian frontier, new territorial arrangements are observed, such as this process, the partial situation of the Binational Bridge, which allows new articulations of the network territories that reorganize the regional dynamics and the dynamization of the role of the different protagonists who work in the process of connection at the border, such as the catraieiros and pirateiros. The new territorial arrangements tend to transform into different forms in the reticular form, and thus constitute new forms of production of the urban-frontier space. They emphasize that the intensity and analysis of territorial-network, allows to the central like the discussion of territorial and it was to an it has a marginalized strategy, with that is this strategy is governing the networks of the networks that are determined territorially, revealing your analysis potential in the border unveiling.

**Keywords:** Urban-frontier; Territory-network; Oiapoque.

## RESUMEN

Este artículo propone el análisis de la dinámica territorial reticular en la frontera franco-brasileña y sus relaciones con la producción del espacio fronterizo, destacando la centralidad que representa la frontera en las relaciones socioespaciales establecidas en la ciudad de Oiapoque, ubicada en el estado de Amapá. Frontera de la Guayana Francesa. Por lo tanto, los conceptos de límite, territorio y red se seleccionaron por su capacidad para comprender y apuntalar las relaciones de poder en la delimitación a escalas analíticas más grandes, configurando los territorios de la red de límites. En cuanto a los procedimientos metodológicos, destacamos, además de los estudios teóricos y conceptuales y un enfoque cualitativo, la importancia de las observaciones y los experimentos in situ realizados entre 2016 y 2018. En la frontera franco-brasileña en los tiempos contemporáneos, observamos nuevos arreglos territoriales, como un ejemplo. A partir de este proceso, tenemos la apertura parcial del Puente Binacional, que permite nuevas articulaciones de los territorios de la red que reorganizan la dinámica regional y racionalizan el papel de diferentes protagonistas que actúan en el proceso de conexión en la frontera, como los catraieiros y los piratas. Los nuevos arreglos territoriales tienden a transformar los diferentes flujos bajo la lógica de la red y así establecer nuevas formas de producción del espacio urbano-fronterizo. Hacemos hincapié en que la complejidad y el análisis de los territorios de la red nos permiten traer la frontera como la centralidad de la discusión territorial y no la tiene como un tema marginado, por lo tanto, este enfoque es estratégico para comprender las redes que se establecen territorialmente, revelando su potencial analítico para desvelar la frontera.

**Palabras clave:** Frontera urbana. Territorio-red. Oiapoque.

## INTRODUÇÃO

Os municípios brasileiros localizados na fronteira internacional apresentam espaços urbanos repletos de significados, símbolos, formas, conflitos e cotidianos, afiguram-se diante de complexidades variadas de análise, como espaços de extrema dinâmica e transformações das múltiplas relações socioespaciais estabelecidos no território. No Brasil, 588 municípios estão localizados na faixa de fronteira, que compreende a faixa interna de 150 km de largura, paralela à linha divisória terrestre do território nacional, agregando as informações existentes com as produzidas na identificação e/ou classificação do município dentro da faixa, tais como: fronteiro, parcial ou totalmente na faixa,

referências da sede à linha de fronteira e ao limite da faixa interna (IBGE, 2018). A faixa de fronteira foi instituída pela Lei nº 6.634, de 02/05/79, regulamentada pelo Decreto nº 85.064, de 26/08/1980.

Dos 588 municípios, o extinto Ministério da Integração Nacional (MIN), atual Ministério do Desenvolvimento Regional (MDR), classifica, no território instituído da faixa de fronteira brasileira, 33 cidades-gêmeas, estas localizam-se nos Estados do Acre, Amazonas, Amapá, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Paraná, Rondônia, Roraima, Rio Grande do Sul e Santa Catarina. São considerados cidades-gêmeas, os municípios cortados pela linha de fronteira, seja seca ou fluvial, articulada ou não por obra de infraestrutura, que apresentem grande potencial de integração econômica e cultural, podendo ou não apresentar uma conurbação ou semi-conurbação com uma localidade do país vizinho, assim como manifestações condensadas dos problemas característicos da fronteira, que aí adquirem maior densidade, com efeitos diretos sobre o desenvolvimento regional e a cidadania. (Brasil, 2016). Dessa forma, existem crescentes demandas pelos municípios de políticas públicas específicas para essas cidades e a importância das cidades-gêmeas para a integração fronteiriça, as quais podem representar a integração do continente sul-americano em diversos aspectos, como econômicos, políticos e culturais.

Dentro dessa perspectiva, este artigo visa contribuir com o entendimento espacial do território-rede estabelecido no espaço urbano de Oiapoque, município localizado no estado do Amapá, na região Norte do Brasil, situado na fronteira com a Guiana Francesa, dialogando com a perspectiva metodológica-conceitual de território e rede, apresentando uma realidade urbana em meio à vida amazônica em um contexto fronteiriço internacional.

## METODOLOGIA

Quanto aos procedimentos metodológicos para a realização do presente estudo, destacamos a realização de um profícuo referencial teórico-metodológico baseando-se, com temáticas chaves para o entendimento da problemática urbana-fronteiriça, em uma totalidade não homogeneizadora da nossa realidade empírica analisada, ressaltando a discussão conceitual sobre fronteira, território, rede e território-rede.

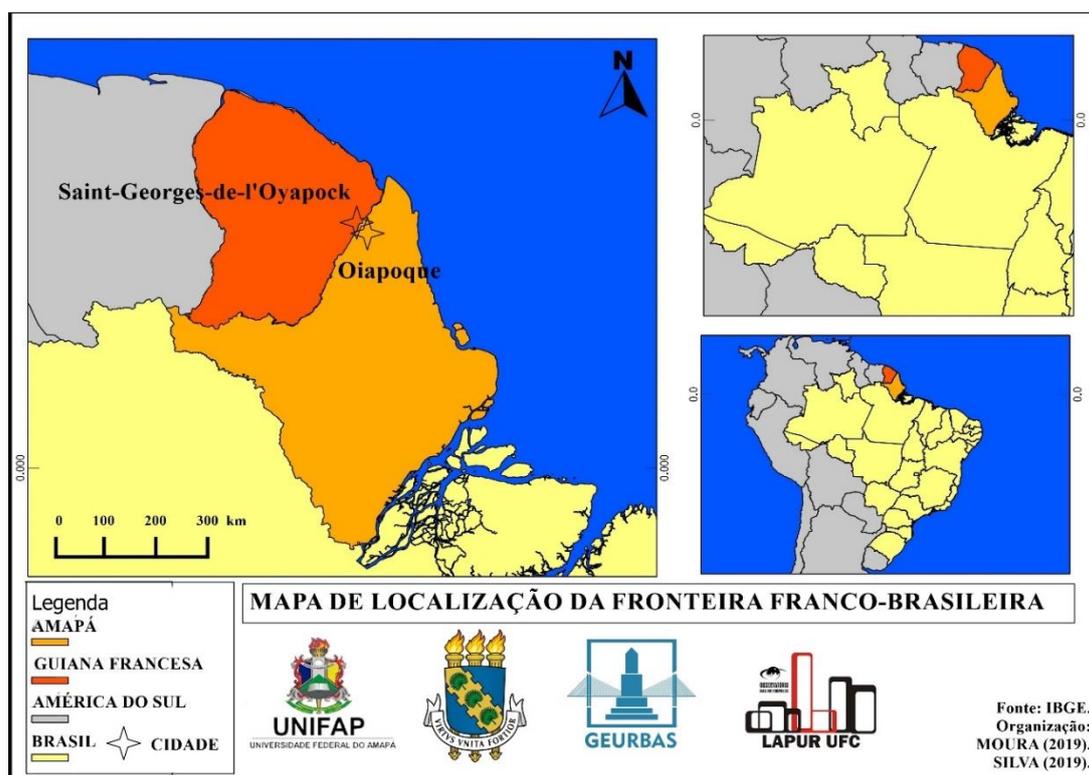
Para o construto metodológico concernente à estrutura e à execução da pesquisa, que se balizou sob uma abordagem qualitativa, que, segundo Minayo (1999), trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, fluxos, processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis numéricas e modelos quantificáveis. Temos ainda a realização do

registro fotográfico por meio de observações *in loco*, na fronteira aqui analisada, etapa necessária para ilustrar e auxiliar na iconografia da pesquisa, as fotos foram realizadas entre os anos de 2016 e 2018.

Ressaltamos que este artigo é fruto da Disciplina intitulada: “Espaço, território, paisagem, região”, ministrada no primeiro semestre do ano de 2018, pelo Professor Doutor José Borzacchiello da Silva, na Universidade Federal do Ceará no Programa de Pós-Graduação em Geografia, a qual permitiu importantes aprimoramentos teóricos para a compreensão da fronteira em maiores nuances de análise. O artigo faz parte das reflexões da pesquisa de doutorado em andamento, denominada até o momento: “Do Oiapoque ao... Desvelar das dinâmicas territoriais urbanas na fronteira franco-brasileira”, orientada também pelo Professor José Borzacchiello da Silva.

O Amapá é uma das 27 Unidades Federativas do Brasil (considerando o Distrito Federal), localizado a Nordeste da região Norte, apresenta uma extensão territorial de 142.828,521 km<sup>2</sup> e uma população estimada em 829.494 habitantes no ano de 2018. (IBGE, 2018). A figura 1 (um), apresentada na sequência, evidencia a localização de Oiapoque, bem como da Guiana Francesa.

**Figura 1:** Mapa de Localização de Oiapoque e da Guiana Francesa.



Fonte: IBGE. Organizado por Moura; Silva (2019).

O território amapaense apresenta oito municípios inseridos na Faixa de Fronteira, destes apenas o município de Oiapoque é classificado como cidade-gêmea, com a cidade de Saint George de L'Oiapock, localizada na Guiana Francesa. A tabela a seguir apresenta os municípios amapaenses localizados na Faixa de Fronteira.

**Tabela 1:** Municípios amapaenses localizados na faixa de fronteira.

	MUNICÍPIOS DO ESTADO DO AMAPÁ LOCALIZADOS NA FAIXA DE FRONTEIRA	TIPOLOGIA	POPULAÇÃO 2010 (IBGE)	ESTIMATIVA DA POPULAÇÃO 2018
1	Amapá	Faixa de fronteira	8.069	9.029
2	Calçoene	Faixa de fronteira	9.000	10.926
3	Ferreira Gomes	Faixa de fronteira	5.802	7.591
4	Laranjal do Jari	Linha de fronteira	39.942	49.446
5	<b>Oiapoque</b>	<b>Cidade-gêmea</b>	<b>20.509</b>	<b>26.627</b>
6	Pedra Branca do Amapari	Faixa de fronteira	10.772	15.931
7	Pracuúba	Faixa de fronteira	3.793	4.993
8	Serra do Navio	Faixa de fronteira	4.380	5.306

**Fonte:** Ministério do Desenvolvimento Regional e IBGE. Organizado pelo autor (2019).

Oiapoque, como destacado, é um dos dezesseis municípios que formam o estado do Amapá, possuindo uma área de 22.625,286 km<sup>2</sup> e uma população de 25.514 habitantes (IBGE, 2017), o que representa a quarta maior população do Estado, segundo estimativas populacionais do IBGE (2017) e uma densidade demográfica de 0,91 habitantes/km<sup>2</sup>.

Cumprir destacar que são observados, no território e na espacialidade urbana oiapoquense, diferentes fluxos e redes, que são estabelecidos na e pela cidade, que dão importância para o fenômeno urbano de Oiapoque, que mesmo não possuindo alguns atributos, como uma infraestrutura limitada de seus equipamentos de serviços urbanos, uma população pequena se comparada a outras realidades urbanas brasileiras, apresenta uma relevância no contexto regional, pela centralidade que a fronteira exerce no território.

A localização fronteiriça do município e da cidade amazônica de Oiapoque: de um lado, Brasil, do outro, a Guiana Francesa, um departamento ultramarino francês, representando, portanto, dois países próximos geograficamente e, ao mesmo tempo, distantes no que diz respeito ao modo de

produção espacial e ao sistema político administrativo que prevalecem em ambos os países, evidencia a necessidade e a cautela analítica em estudos urbanos amazônicos, sobretudo, em contextos não metropolitanos, por apresentarem especificidades urbanas-regionais que diferem de outras realidades de produção espacial das cidades brasileiras, seja na análise do intra-urbano ou na análise dos fluxos e relacionamento entre as cidades, afinal, de que urbano amazônico estamos tratando?

Diante dessa complexidade da dimensão da “urbanodiversidade”, Trindade Júnior (2013) propõe, em uma perspectiva metodológica, a diferenciação de “cidades da floresta” e “cidades na floresta”, levando em consideração as diferentes formas da produção do espaço urbano amazônico, (2013, p.5):

Tal proposição, de natureza conceitual, que estabelece o significado, a forma e o conteúdo da pequena cidade brasileira no passado e hoje, inspira-nos igualmente a propor, para o caso da Amazônia brasileira, a distinção entre as ‘cidades da floresta’ e as ‘cidades na floresta’. [...]. Ao reconhecermos as ‘cidades da floresta’, busca-se estabelecer a diferenciação em face de outro tipo de cidade, as ‘cidades na floresta’, que passaram a compor, a partir do processo mais intenso de integração regional ao espaço brasileiro, a nova estrutura urbana e territorial da Amazônia, notadamente na sua porção oriental.

Desse modo, a compreensão das “cidades da floresta”, para o referido autor, leva em consideração as diferentes características espaciais de pequenas cidades, sendo que muitas delas estão associadas à circulação fluvial e com dinâmicas próximas às relações com a natureza. Ele esclarece que as “cidades da floresta” eram predominantes na região até a década de 1960 e apresentam características de pequenas cidades, associadas à circulação fluvial e com fortes elos em relação à dinâmica da natureza e à vida rural não moderna. Além disso, tais cidades sempre estabeleceram densas articulações com os seus respectivos entornos ou localidades relativamente próximas (vilas, povoados, comunidades ribeirinhas etc.). As “cidades na floresta” são aquelas que se articulam, sobretudo, às demandas da região, fazendo da floresta um elemento de pouca integração aos valores da vida urbana e tem-na principalmente como espaço de exploração econômica, conforme Trindade Júnior (2013).

Corrêa (2006, p.258) refere sobre o papel das pequenas cidades no contexto da rede urbana, afirmando que elas são numerosas e geram, via de regra, expressiva densidade de centros que se situam a uma pequena distância média entre si, ainda que possa variar de acordo com a densidade demográfica da região em que se localizam. Neste sentido, em regiões densamente povoadas, o número de centros, cidades com maiores articulações, é elevado e a distância média entre eles é pequena; nas regiões escassamente povoadas, ao contrário, o número de centros diminui, aumentando a distância média entre eles, como é o caso da realidade amazônica, em especial, a cidade de Oiapoque.

Consideramos imprescindível, nesta análise do processo de urbanização da Amazônia atrelado às localizações fronteiriças, discutir as noções, ainda que introdutórias, as concepções teóricas-metodológicas sobre fronteira e limite, o que facilita a compreensão dos fluxos e a articulação do território-rede na fronteira, assim como as dinâmicas socioespaciais contemporâneas.

## APONTAMENTOS TEÓRICOS, DISCUSSÕES E RESULTADOS

A autora Lia Osório Machado (1998) esclarece que o limite é o conceito que se refere ao controle exercido por meio de acordos diplomáticos, responsáveis pela delimitação e jurisdição do Estado-Nação, ou seja, representa uma abstração instituída politicamente e reconhecida legalmente pela escala nacional e, ao mesmo tempo, é subordinada ao controle da legislação internacional. Contudo, é a partir do limite instituído e demarcado politicamente que são conduzidas as múltiplas decisões político-administrativas, inclusive as burocracias inerentes aos acordos dos diferentes fluxos internacionais, nos territórios sob influência direta dos limites internacionais.

Em relação às distintas visões e concepções sobre fronteira, há grandes embates teóricos que permeiam essa profícua discussão. Sabemos que, ao longo do tempo, os estudos de fronteira tiveram, no pensamento geográfico e na epistemologia da Geografia, grandes aprimoramentos teóricos, o que ampliou e incorporou novas abordagens desse importante tema da ciência geográfica. Inicialmente, fronteira quase sempre estava associada à geopolítica, sendo um conceito-chave de entendimento dos conflitos territoriais.

Marcelo Lopes de Souza (1995) destaca que a concepção de território na Geografia Política com viés tradicional fixava-se na escala nacional e sobretudo na figura do Estado-nação, tendo, assim, os limites espaciais e temporais com pequena mobilidade, ou seja, o limite rígido instituído politicamente e burocraticamente.

Sack (1986) discutiu o sentido das conexões do território e a perspectiva de libertar o conceito de território de sua “prisão original”, isto é, a referência exclusiva à dimensão do Estado nacional, que aponta a característica imutável e fixa do território e da territorialidade, presa ao limite político, destaca, porém, a característica móvel, variável e fluída em diferentes temporalidades e espacialidades, que estão atreladas também à dimensão territorial.

Atualmente, o conceito de fronteira e de território está associado também a outras abordagens do conhecimento geográfico e das ciências sociais, como às temáticas socioculturais, ambientais e de desenvolvimento regional e, neste estudo, à questão urbana. Consideramos que a compreensão da dimensão de fronteira é ampla, tendo-a, sobretudo, como um espaço de interação social, territórios de

trocas diversas e com elementos específicos que imprimem, na espacialidade urbana, marcas do dinamismo dos fluxos e das articulações de redes urbanas transfronteiriças.

Frente a essa análise fronteiriça-territorial, consideramos o município de Oiapoque, que se localiza no estado do Amapá, distante cerca de 592 quilômetros de Macapá, a capital do Estado. Como já destacado, Oiapoque está situado na fronteira setentrional do Brasil, limitando-se com Saint George del'Oyapock, cidade localizada no território da Guiana Francesa, e que apresenta relações, sobretudo, sociais e econômicas, bem intensas com o lado brasileiro, demonstrando, assim, na espacialidade urbana, a dinâmica entre as cidades-gêmeas (Oiapoque - BR e Saint Georges del'Oyapock – GF). Ainda sobre particularidades e representações sociais do município de Oiapoque, os autores Nascimento; Tostes (2008, p. 2) enfatizam que:

[...] Oiapoque baliza a fronteira norte do Brasil com a Guiana Francesa - um departamento ultramarino francês enclavado no continente sul-americano. Cidade de Oiapoque forma com Saint George - pequeno vilarejo francês de forte presença militar – uma zona de fronteira bastante antiga e estagnada. Oiapoque é uma cidade-marco e como tal, possui a sua frase símbolo: 'aqui começa o Brasil'. Além dessa frase, o chavão 'do Oiapoque ao Chauí', reforça a idéia de fronteira e dos contornos da nação, colocando o nome dessa pequena cidade amazônica no cenário nacional.

Quanto ao “lado francês”, o município de Saint Georges del'Oyapock, segundo o *Institut national des statistiques et des études économiques*, apresentava, em 2013, uma população de 3.907 habitantes, e a Guiana Francesa, 244.118 habitantes, no mesmo ano. Ressaltamos que, nessa contagem, feita pelo governo francês, não estão contabilizados, nas estatísticas oficiais, dados referentes à imigração ilegal, sobretudo, a de brasileiros que tentam garantir melhores condições de vida no território da Guiana Francesa.

Na área fronteiriça em que a cidade de Oiapoque localiza-se são observados, no espaço urbano, intensos e variados fluxos, que são estabelecidos no território e quase sempre estão relacionados à localização geográfica, sobretudo, à circulação e à verificação de fluxos de transportes de pessoas e mercadorias.

Destacamos que tais fluxos expressos no território em pauta articulam e estruturam redes de conexão direta entre Oiapoque com as distintas cidades e capitais, tanto para o lado brasileiro, salientando a ligação de Oiapoque com a capital amapaense, Macapá, e também com a Guiana Francesa, com a cidade-gêmea do outro lado do rio Saint George, além de fluxos com a capital Caiena, que extrapolam, dessa forma, os limites rígidos instituídos pelos Estados-nação da fronteira, articulam, aproximam e produzem territórios.

## Dinâmicas Espaciais Reticulares: especificidades da fronteira franco-brasileira

Para identificar diferentes fluxos estabelecidos no território-rede, devemos considerar também as dimensões dos circuitos inferiores que são estabelecidos no contexto fronteiriço estudado, como exemplo: os transportes alternativos, tanto rodoviário quanto hidroviário, que realizam a distribuição e a circulação de mercadorias e pessoas, que, no cotidiano urbano de Oiapoque, estabelecem e estruturam redes, que articulam e ressaltam a importância urbana dessa cidade, como centro difusor de fluxos e redes nas cidades sob sua influência, tanto no Brasil, quanto na Guiana Francesa.

Na perspectiva de apontar o papel das redes, Leila Christina Dias (1995, p.147) afirma que elas apresentam a propriedade de conexidade, ou seja, através da conexão de seus nós, a rede, simultaneamente, tem a potencialidade de solidarizar ou de excluir, de promover, dessa forma, a ordem e a desordem. Além disso, a referida autora destaca que a rede é uma forma particular de organização territorial e, no âmbito dos processos de integração, de desintegração e de exclusão espacial, ela “aparece como instrumento que viabiliza, sobretudo, duas estratégias: circular e comunicar”.

Para Milton Santos (1996), as redes são animadas por fluxos, são dinâmicas e ativas, mas não trazem em si mesmas o seu princípio dinâmico, que é o movimento social. Este é animado tanto por dinâmicas locais quanto globais, notadamente demandadas pelas grandes organizações.

Sandra Lencioni (2006) discute sobre a dimensão de escala e rede, destacando que a análise geográfica a partir de uma perspectiva das redes, enquanto força produtiva e não mais através de uma estrutura urbana piramidal, a autora aponta dois tipos de redes que podem ajudar na compreensão da estruturação da relação entre a cidade e a região sob uma perspectiva dialética: a rede de proximidade territorial, a qual é constituída por redes materiais, principalmente, aquelas relacionadas à circulação, como, por exemplo, as de transportes viários; e a rede de proximidade relativa, que corresponderia às redes imateriais, relacionadas aos fluxos de informação e comunicação e as quais possibilitam romper distâncias territoriais, aproximando o que se encontra distante.

Ponderamos que o estudo das redes na ciência geográfica afigura-se como importante temática contemporânea, pelo papel que elas representam para a compreensão da produção do espaço geográfico em variadas escalas de análise.

As redes constituem-se de diferentes características, como as redes técnicas, destacando o papel das infraestruturas e a forma que desempenham no entendimento da localização e distribuição de redes materiais estabelecidas no território, como redes de transporte e seus diferentes meios (rodoviário, aéreo, hidroviário e ferroviário) e também as redes imateriais, como as de informação e comunicação, a exemplo a rede de internet. Estas demonstram a maior sofisticação e tecnicização

espacial e também revelam as desigualdades regionais, por exemplo, as diferenciações socioespaciais no território brasileiro.

Salientamos que o relacionamento teórico-prático dos conceitos de território-rede é uma realidade que já se apresenta há um tempo na ciência geográfica e que acompanha aprimoramentos capazes de legitimar a sua importância no âmbito da produção de conhecimentos e compreensão do espaço geográfico. Haesbaert (1997, p. 4) possibilitou, neste sentido, profícuos debates acerca desse relacionamento teórico-conceitual:

O território sempre foi constituído de redes. Poderíamos mesmo afirmar que elas passaram de elemento constituinte, na territorialidade mais tradicional e fechada, a elemento constituidor, malha cada vez mais globalizante dentro da qual os territórios podem se tornar meros pontos, ou seja, momentos ou parcelas elementares da rede. Muitos territórios têm o controle e a identidade internos garantidos por redes hierárquicas (geralmente com o papel de dominação) ou complementares (muitas vezes de solidariedade). E vice-versa: territórios podem servir como patamar para articulação de redes que cooptem, hierarquicamente, outros territórios. O que distingue uma dinâmica da outra é fundamentalmente a extroversão e a introversão dominante em cada processo constituidor ou, em outras palavras, o domínio de dinâmicas centrífugas ou centrípetas.

Ainda para o referido autor, discute-se a vasta possibilidade de, a partir da rede, termos a compreensão espacial, em nuances de análises capazes de superar conceitos, aprimorá-los e recriá-los, diante da dimensão da lógica reticular (2014, p 39-40):

Assim, a rede é um constituinte indissociável da própria zona ou área. Sem rede não há controle de uma área (a começar que uma rede pode ser encarada, por exemplo, como um conjunto coordenado de postos fronteiriços), e de certa forma toda rede, geograficamente falando, exige áreas ou zonas, ainda que de pequena dimensão (que pode ser até uma antena), para efetivar seus fluxos e conexões. Assim, nessa perspectiva mais analítica, rede enquanto conceito não se coloca no mesmo patamar de território, lugar e paisagem, mas, de 'zona' ou 'área', pois tem um sentido amplo e (também) operacional como componente indissociável de nossa concepção relacional de espaço, quando sua manifestação se dá a partir da dominância de uma lógica reticular – daí a possibilidade de falar hoje em dia em território-rede, lugar-rede etc.

Neste âmbito, temos, na territorialidade urbana de Oiapoque - Saint George – Brasil – Guiana Francesa, diferentes especificidades locais da conexão do território-rede na fronteira, que se atrelam à condição territorial fronteiriça a partir de singularidades que a ciência geográfica possibilita na compreensão das dinâmicas sócioespaciais, levando-se em consideração a dimensão do território-rede. Acerca dessas particularidades expressas na fronteira franco-amapaense, Martins (2011, p. 2) acrescenta que:

A fronteira do Amapá com a Guiana Francesa apresenta singularidades que merecem ser mencionadas: do lado brasileiro localiza-se a cidade de Oiapoque e do lado francês a cidade de *Saint Georges*, são coletividades separadas por critérios relacionados à soberania; nacionalidade e etnicidade; organização política, administrativa, institucional. Mas também

são muito próximas em termos físicos e em função do grau de interação entre seus habitantes por conta do intenso deslocamento de pessoas de um lado a outro da fronteira.

As interações sociais em espaços fronteiriços, como exemplo nas cidades-gêmeas, são carregadas de dinamismos de diferentes fluxos e consolidações de múltiplas redes que extrapolam cotidianamente os limites nacionais.

Contudo, a localização geográfica fronteiriça do município e da cidade de Oiapoque – AP provoca, na produção do espaço, reflexos perceptíveis na espacialidade urbana, em diferentes dimensões, como: físico-estruturais, econômicos e culturais, e, dessa forma, diferentes fluxos e redes são estabelecidos na e pela cidade que dão importância para Oiapoque, mesmo não possuindo alguns atributos, como uma infraestrutura de equipamentos urbanos, uma população pequena se comparada a outras realidades urbanas brasileiras, apresentam uma relevância no que diz respeito ao papel que a cidade desempenha na rede urbana no contexto regional. Tal relevância do processo urbano de Oiapoque constitui-se pela centralidade que a fronteira permite para a criação e a intensificação de dinâmicas específicas da fronteira franco-brasileira no espaço urbano fronteiriço.

A dinâmica dos fluxos e das articulações de redes no contexto fronteiriço é nitidamente percebido na dinâmica territorial da cidade e por meio da observação das marcas impressas no espaço geográfico e de processos vinculados à fronteira, sendo que este estudo pretende fazer o desvelar do processo territorial urbano na escala local a partir da compreensão do contexto regional e transfronteiriço.

### **Conectividades na Fronteira Brasil – Guiana Francesa: Desafios e possibilidades**

A abertura parcial da Ponte Binacional, representada na figura 2 (dois) na sequência, substitui de certa forma o uso regular de balsas e catraias no rio Oiapoque, o que alterou as dinâmicas existentes na circulação fluvial, sobretudo, nas travessias realizadas pelos catraeiros.

Há normas para travessia sobre a ponte, como a exigência do visto de entrada na Guiana Francesa, que é emitido pelo Consulado Franco-guianense, que fica localizado na capital Macapá. Ainda deve ser feito o pagamento do seguro para os automóveis brasileiros entrarem no território da Guiana Francesa, cujo valor varia entre 250 a 450 euros, de acordo com modelo do veículo. A Receita Federal realiza a fiscalização aduaneira na Ponte Binacional em horários fixados. Operações como o despacho aduaneiro de mercadorias, são realizados em dias úteis, de segunda a sexta-feira, nos horários das 8h às 12h e das 14h às 18h. Já o horário de atendimento e trânsito de viajantes acontece entre as 7h às 19h, diariamente.

**Figura 2:** Ponte Binacional sob o Rio Oiapoque.



**Fotografia:** Edenilson Dutra de Moura (2018).

Essa abertura parcial pode simbolizar a concretização de potencialidades e promover o desenvolvimento econômico para a cidade de Oiapoque, por exemplo, para fomentar através de atividades, comerciais e de serviços diversos, como a estruturação de atividades turísticas em espaços naturais. Entretanto, pode também intensificar e produzir impactos negativos com a abertura desse objeto técnico de integração regional. Todas as externalidades devem ser priorizadas nas elaborações de políticas regionais e locais em diferentes âmbitos, como econômicos, políticos e culturais, evitando conflitos que possam simbolizar o distanciamento entre os dois países, por exemplo, entre as cidades-gêmeas Oiapoque e Saint George.

É notório que Oiapoque é o espaço urbano que diretamente é impactado com a abertura parcial da Ponte Binacional. Diante disso, é de fundamental relevância a elaboração de políticas eficazes para a administração entre os dois países, que são beneficiados pela ponte, tais políticas devem priorizar o desenvolvimento econômico e social em ambos os países, mas, como destacado ao longo deste texto, é no espaço urbano de Oiapoque que os fluxos e as trocas fronteiriças materializam-se no espaço geográfico amapaense. Nessa perspectiva, Silva e Superti contribuíram sobre o entendimento da abertura da ponte binacional, ao apontarem que (2015, p. 65):

A inauguração da Ponte Binacional abre possibilidades para o desenvolvimento econômico e social do município ressaltando suas atividades comerciais e permitindo novas oportunidades com o aproveitamento de seu potencial turístico. Contudo, as políticas públicas de instalação das infraestruturas transfronteiriças (IIRSA e Programa de Aceleração do Crescimento – PAC) não vislumbram a inserção de mecanismos de desenvolvimento urbano em escala local. De modo que, se existem perspectivas positivas, elas só serão viabilizadas por políticas estruturais socioeconômicas fomentadas a partir do contexto local, caso contrário, a cidade de Oiapoque pode, também, se tornar simples rota de passagem, com seu atual centro comercial isolado pelo posicionamento do ramal de acesso que liga a ponte diretamente a BR-156 sem passar pelo núcleo urbano ou ainda o surgimento de uma nova cidade sob influência do fluxo entre a rodovia e a ponte.

Evidentemente que os impactos positivos e negativos da abertura da Ponte Binacional extrapolam a escala urbana local, no entanto, a cidade de Oiapoque é porta de entrada e saída dessa fronteira e, portanto, deve ser contemplada em políticas públicas estruturantes de desenvolvimento regional, como potencializadoras do bem estar social e da qualidade de vida urbana oiapoqueense. Ademais, ela dinamiza e intensifica as redes territoriais no espaço fronteiriço.

### **Chuvas, Atoleiros e Piratas: Uma tríade na fronteira franco-brasileira**

O principal meio de conexão rodoviário de Oiapoque com a capital administrativa do Amapá é a BR-156, que se afigura como uma importante via rodoviária do estado. A rodovia federal tem o seu ponto de início no município de Laranjal do Jari, localizado no Sul do Amapá, ligando o município e a porção meridional do estado até a capital Macapá. O seu ponto final situa-se em Oiapoque, na Ponte Binacional, portanto, a BR-156 conecta, de Norte a Sul, o estado do Amapá

Um dos principais entraves para o desenvolvimento local e regional-fronteiriço de Oiapoque é a não conclusão do asfaltamento de um trecho de cerca de 110 Km, (figura 3) que, anualmente, com o período das chuvas, apresenta a mazela dos já conhecidos atoleiros da BR-156, a principal dificuldade de conexão da rede rodoviária de Oiapoque.

**Figura 3:** Ponto de atoleiro na BR-156 durante inverno amazônico no ano de 2016.



**Fotografia:** Edenílson Dutra de Moura (2016).

No período que corresponde ao inverno amazônico (período com alto índice pluviométrico), no espaço urbano de Oiapoque, são sentidos os impactos dos atoleiros no cotidiano da cidade. As viagens (Macapá – Oiapoque / Oiapoque – Macapá), que, normalmente, no período de verão amazônico (baixos índices pluviométricos), são feitas em cerca de 10 horas, são aumentadas significativamente pelos inúmeros pontos de atoleiros e buracos ao longo da BR-156. Além disso,

verifica-se a alta dos preços das mercadorias básicas encontradas nos estabelecimentos comerciais da cidade, incluindo alimentos, combustíveis e gás de cozinha.

Ainda no âmbito da rede técnica estabelecida territorialmente, cabe destacar que a cidade de Oiapoque segue dependente de óleo diesel para a distribuição da energia elétrica, uma vez que a cidade não está inserida no sistema nacional de distribuição de energia elétrica, (sistema interligado nacional), não está conectada aos “linhões” de transmissão, o que, desse modo, tal atividade também é impactada no período das chuvas intensas em momentos de atoleiros da rodovia federal, o que faz, na cidade, constantes faltas de energia no espaço urbano, frente ao atrasos dos caminhões que distribuem o óleo diesel para a geração de energia elétrica para esses locais.

Esse cenário pode ser alterado frente a novas políticas energéticas que estão sendo geridas para a região. Segundo dados do Ministério de Minas e Energia (2018), o Sistema Isolado de Oiapoque, atualmente, é suprido por um Produtor Independente de Energia Elétrica (PIE), através de contrato estabelecido por meio de leilão, realizado no ano de 2014, com vigência até novembro do ano de 2030. Estão em operação a Usina Termelétrica (UTE) Oiapoque, com capacidade instalada de 12,83 MW (10 unidades geradoras, operando desde novembro de 2015), e a UFV Oiapoque, com 4,3 MWp (ou 3,6 MW), a ser desativada quando da entrada em operação da PCH Salto Cafesoca (7,5 MW), prevista para 2021.

A Pequena Central Hidrelétrica (PCH) Salto Cafesoca será implantada no rio Oiapoque, na fronteira com a Guiana Francesa, o seu projeto foi aprovado ainda no ano de 1997 pelo Departamento Nacional de Águas e Energia Elétrica (DNAEE). O projeto prevê um arranjo/sistema sem barragem, que deverá apresentar estruturas localizadas na margem direita, no lado brasileiro do rio Oiapoque, ou seja, no limite da fronteira franco-brasileira (MME, 2018).

Acrescentamos que a problemática da distribuição de energia elétrica em Oiapoque acarreta outras problemáticas nas redes informacionais no território fronteiriço aqui discutido. Como exemplo desse desencadear de problemas da conexão das redes estabelecidas no território, temos a internet e a telefonia fixa e móvel, que, mesmo em um período de alta conectividade pela rede mundial de computadores, marcado por avanços no sistema técnico-científico-informacional, Oiapoque ainda apresenta sérias deficiências nas redes técnicas-informacionais na contemporaneidade.

Tais complexidades fazem-nos pensar nas complexas desigualdades territoriais no Brasil e ainda leva-nos à reflexão de que estamos próximos geograficamente de um país com outra realidade, em termos de conexão de redes-territórios, mostrando um distanciamento na forma em que os territórios e as redes produzem o espaço fronteiriço no norte brasileiro: proximidades e distâncias territoriais.

Na perspectiva de elucidar a circulação de pessoas e mercadorias na região e no contexto fronteiro franco-brasileiro, destacamos o papel de importantes agentes que estão incluídos no circuito inferior da economia urbana, presente no território, que se articulam com o estabelecimento de redes de diferentes características, tratam-se dos piratas, catraias e navetes.

Piratairos ou Piratas são os nomes populares dados aos motoristas de carros particulares que fazem o trajeto Macapá – Oiapoque e Oiapoque – Macapá, de forma alternativa ao ônibus interestadual. Os veículos consistem em caminhonetes em sua maioria com motores à tração 4x4, ideais para locomoverem-se nas estradas com buracos, escorregadias e lamosas.

Diariamente, os piratairos fazem tal trajeto, as viagens só são realizadas quando o carro está “completo”, ou seja, quando o veículo está completamente ocupado, por quatro passageiros. Com isso, as viagens são sempre agendadas por telefone via ligação e/ou mensagens por meio do aplicativo *WhatsApp*, diretamente com os motoristas.

Em Oiapoque, o principal ponto de saída dos veículos é a “Beira”, o porto de entrada e saída do Rio Oiapoque, local de intenso fluxo de pessoas e mercadorias, é notória a essência da fronteira nesse espaço na cidade. Já em Macapá, o ponto de partida das viagens com os piratas é as proximidades da rodoviária da capital do estado. Cabe salientar a comodidade que o transporte alternativo possibilita no que se refere a buscar e deixar os passageiros no local de sua preferência, seja em casa ou em hotéis.

É comum os piratairos também transportarem cargas/mercadorias, além dos passageiros, por meio de encomendas. Ressaltamos que não é feito nenhum controle de passageiros e/ou mercadorias durante toda a viagem em ambos roteiros.

O fluxo e a procura por esse transporte alternativo é intensificado no período das chuvas torrenciais durante o inverno amazônico, quando o trecho da BR-156 apresenta diversos pontos de atoleiros, uma vez que as duas empresas de ônibus interestadual (Viação Santanense e Amazontur), que atuam no referido trajeto, apresentam constantemente problemas nos atoleiros, o que pode significar muitas horas de atraso nas viagens. Os valores cobrados pelos piratas nas viagens custam em média R\$200,00, valor que é aumentado no período das chuvas, em decorrência dos obstáculos enfrentados na estrada, principalmente os atoleiros e a pista altamente escorregadia. O valor cobrado pelas duas empresas de ônibus, não varia durante o ano, é tabelado, e atualmente está fixado em R\$ 115,00.

Outros protagonistas da conexão cotidiana na fronteira franco-brasileira são os catraieiros, os responsáveis por conduzirem as catraias, que são as embarcações motorizadas que diariamente atravessam o Rio Oiapoque, levando passageiros de um lado a outro na fronteira.

Eles organizam-se em quatro cooperativas: 1 - Cooperativa de Transporte Fluvial e Terrestre de Oiapoque – COMFCOI, 2 - Associação dos Pilotos Fluviais de Vila Vitória – APFVV, 3 - Cooperativa de Transportes e Turismo de Oiapoque - COOPTUR e 4 - Associação Valle de Saint-Georges L'Oyapock. Tais organizações atuam na administração mais profissionalizada das viagens, auxiliando também nos valores a serem estabelecidos nos deslocamentos, os pagamentos podem ser feitos na moeda Real ou em Euro.

O trajeto mais realizado pelos catraieiros é o de Oiapoque - Saint George e Saint George – Oiapoque, o valor médio cobrado no período diurno é de R\$15,00 e leva cerca de 10 minutos. Há também outros destinos que comumente são realizadas travessias pelas catraias, como: Saint George – Clevelândia, Vila Vitória – Saint George, Saint George – Chácara Du Rona, além de outros destinos. Todos esses deslocamentos possuem valores tabelados pelas associações dos catraieiros, que variam de acordo com o período da travessia: diurno ou noturno, as viagens feitas à noite são mais caras.

Do lado francês os automóveis conhecidos como Navetes, que são similares a pequenas vans, são as responsáveis pelo deslocamento entre Saint George até a capital Cayenne, uma vez que não há nenhuma empresa de transporte de ônibus que faça tal viagem. O deslocamento é feito pela estrada RN 2, conhecida como Route de l'Este, e tem duração de cerca de três horas de viagem, custando cerca de 40 Euros.

Frisamos que não há empresa de transporte de ônibus que realize a viagem da cidade-gêmea Saint George até a capital da Guiana Francesa, Caiena. Os deslocamentos são feitos pela RN 2, estrada conhecida como Route de l'Este, e, tem duração de cerca de 3 horas de viagem, e custa em média 40 Euros, a distância de Saint George até Caiena é de aproximadamente 180 km. Após a abertura da Ponte Binacional, é comum a circulação das navetes no espaço urbano de Oiapoque, principalmente, nos finais de semana, quando fluxo de visitantes é maior na cidade brasileira.

Os meios de transportes aqui evidenciados revelam a dinamicidade do território-rede na fronteira e possibilitam uma interpretação das limitações infra-estruturais da circulação rodoviária em uma região que apresenta cotidianamente intensos fluxos fronteiriços, marcados, sobretudo, pela circulação de pessoas e de mercadorias na BR-156, na cidade de Oiapoque e também com o estabelecimento das redes entre as cidades, inclusive, com a Guiana Francesa.

Dessa forma, temos esse território como uma importante região fronteiriça, não somente para o contexto local e/ou regional, mas, por seu potencial de integração latino-americana e latino-europeia, ou seja, uma relevância socioespacial para contextos analíticos em escalas maiores da gestão política, da integração cultural e econômica do território brasileiro, mas que, de modo geral, intensificam, ao

longo dos anos, dinâmicas do território periférico da Amazônia e da região norte, através do esquecimento político das suas fronteiras internacionais e do potencial que elas podem representar.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nossa proposta neste artigo foi identificar, a partir da análise territorial em uma abordagem reticular, as dinâmicas fronteiriças e as suas implicações com o espaço urbano fronteiriço na Amazônia setentrional brasileira, especificamente na cidade de Oiapoque, destacando o seu papel na centralidade fronteiriça, na espacialidade urbana, no contexto regional amapaense.

Ressaltamos que o papel da articulação territorial regional por meio de dinâmicas específicas da fronteira franco-brasileira dão-se por meio de diferentes protagonistas que territorializam, no cotidiano, novas e velhas formas de dinamizar e produzir o espaço urbano fronteiriço amazônico.

Na contemporaneidade criam-se e (re)definem novos arranjos territoriais, como exemplo desse processo a abertura parcial da Ponte Binacional, que possibilita novas articulações dos territórios-rede que reorganizam a dinâmica regional. Esses novos arranjos territoriais tendem a transformar os diferentes fluxos sob a lógica reticular e, assim, estabelecem novas formas de produção do espaço urbano-fronteiriço.

Destacamos que a complexidade e a análise dos territórios-rede permitem trazer a fronteira como centralidade da discussão territorial e não como temática marginalizada, sendo que essa abordagem coloca-se como estratégica para entendimento das redes que são estabelecidas territorialmente, revelando o seu potencial de análise para diferentes processos urbanos-regionais que são estabelecidos no espaço-tempo, ponderando as suas múltiplas possibilidades de olhares para a fronteira e para as redes enquanto estratégias de compreensão do território.

Dessa forma, o desafio para o entendimento e a gestão do território urbano fronteiriço são grandes, mas admitir as potencialidades e os limites da fronteira, para além do limite rígido e instituído para o do controle territorial, simboliza novas perspectivas para o desenvolvimento fronteiriço-urbano, sinalizando a necessidade de políticas de gestão territorial que permitam a integração local, regional e global, para além da visão mercadológica e exploratória das fronteiras internacionais do território brasileiro, em especial a franco-brasileira.

## REFERÊNCIAS

- BRASIL. Portaria nº 213, de 19 de julho de 2016. Estabelece o conceito de "cidades-gêmeas" nacionais, os critérios adotados para essa definição e lista todas as cidades brasileiras por estado que se enquadram nesta condição. Ministério da Integração Nacional. **Diário Oficial da União**. Brasília, DF, 19 de julho de 2016. Disponível em: <<https://www.jusbrasil.com.br/diarios/120989142/dou-secao-1-20-07-2016-pg-12>>. Acesso em: junho de 2018.
- CORRÊA, Roberto Lobato. **Estudos sobre a rede urbana**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2006.
- DIAS, L. C. Redes: emergência e organização. In: CASTRO, I. E. de et al. (Org.). In: **Geografia: conceitos e temas**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, RJ. 1995.
- IBGE, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Estimativas populacionais do ano de 2017 dos municípios amapaenses**. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/cidadesat>>. Acesso em junho de 2018.
- \_\_\_\_\_. **Cadastro de municípios localizados na faixa de fronteira**. Disponível em: <<https://ww2.ibge.gov.br/home/geociencias/geografia/fronteira.shtm?c=3>>. Acesso em julho de 2018.
- INSEE, Institut National des Statistiques et Des Études Économiques. **Recensement de la population en Guyane**. Disponível em: <<https://www.insee.fr/fr/statistiques/1895090>>. Acesso em março de 2017.
- LENCIONI, Sandra. Da cidade e sua região à cidade-região. In: SILVA, José B.; LIMA, Luiz C.; ELIAS, Denise. **Panorama da geografia brasileira I**. São Paulo: Annablume, 2006.
- HAESBAERT, Rogério. **Desterritorialização e identidade: a rede "gaúcha" no Nordeste**. Niterói: EDUFF, 1997.
- \_\_\_\_\_. **Viver no limite: território e multi/transterritorialidade em tempos de in-segurança e contenção**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2014.
- MACHADO, Lia Osório. Limites, fronteiras, redes. In: STROHAECKER, T.M.; DAMIANI, A.; SCHAFFER, N.O.; BAUTH, N.; DUTRA, V.S. (org.). **Fronteiras e Espaço Global**, AGB-Porto Alegre, Porto Alegre, 1998, p.41-49.
- MARTINS, Carmentilla das Chagas. Migração transfronteiriça na Amazônia: brasileiros na Guiana Francesa. **Anais do III Simpósio de Pós-Graduação em Relações Internacionais do Programa "San Tiago Dantas"** (UNESP, UNICAMP e PUC/SP). São Paulo, 2011.
- MME, Ministério de Minas e Energia. **Sistemas isolados: estudo de alternativas para suprimento de energia elétrica ao Oiapoque pelo sistema interligado nacional**. Brasília; Rio de Janeiro, 2018. Disponível em: <<http://www.epe.gov.br/sites-pt/publicacoes-dados-abertos/publicacoes/PublicacoesArquivos/publicacao-281/EPE-DEE-NT-001-2018-r0%20-%20Alternativas%20Oiapoque.pdf>>. Acesso em junho de 2018.
- NASCIMENTO, Oscarito Antunes do. TOSTES, José Alberto. Oiapoque – "Aqui começa o Brasil": as perspectivas de desenvolvimento a partir da BR-156 e da Ponte Binacional entre o Amapá e a Guiana Francesa. **Anais do IV Encontro da Associação Nacional da Pós-Graduação, Pesquisa em Ambiente e Sociedade (ANPPAS)**, Brasília, 2008.
- OLIVEIRA, José Aldemir de. Cidades, rios e floresta: raízes fincadas na cultura e na natureza. In: BRAGA, Sérgio Ivan Gil (org.). **Cultura popular, patrimônio imaterial e cidades**. Manaus: Editora da Universidade Federal do Amazonas, 2007.
- SACK, Robert David. **Human territoriality: its theory and history**. London: Cambridge University, 1986.
- SANTOS, Milton. **A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção**. São Paulo: Ed. Hucitec, SP. 1996.
- SILVA, Gutemberg Vilhena; SUPERTI, Eliane. Fronteira internacional do Amapá: processos de interação e estratégias de defesa e segurança. In: PORTO, Jadson Luis Rebelo; CHAVES, Daniel; NORONHA, Andrius. **A fronteira setentrional**

**brasileira:** das histórias pós-coloniais à formação de uma fronteira tardia. Macapá; Rio de Janeiro: Edunifap; Autografia Editora, 2015.

SOUZA, Marcelo Lopes. O território: sobre espaço de poder, autonomia e desenvolvimento. In: CASTRO, I. E. de et al. (orgs.) **Geografia: conceitos e temas**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1995.

TRINDADE JÚNIOR, Saint Clair Cordeiro da. “Das cidades na floresta” às “cidades da floresta”: espaço, ambiente e urbanodiversidade na Amazônia brasileira. In: **Papers do NAEA**. N. 321. Belém, 2013.